

4.

Liberdade, abertura e compromisso

4.1

A diversidade como dificuldade à unidade na Galácia

Conforme evidenciado no primeiro capítulo, a comunidade dos gálatas era constituída de uma diversidade considerável. Na epístola aos Gálatas existem indícios suficientes para conceber que naquela comunidade a multiculturalidade presentificava disparidades e evidenciava pessoas de distintas origens, credos, nacionalidades, culturas e gêneros. A comunidade dos gálatas pode ser apresentada de forma ilustrada como um mosaico no qual coadunavam um todo não homogêneo. O problema é que, se até a data presente existe dificuldade em se obter tolerância em relação às diferenças, a comunidade dos gálatas não estava isenta do “vírus” que trazia à tona as assimetrias e diferenças individuais.

A diversidade presente nas comunidades da Galácia em qualquer igreja trazia preocupações constantes e conflitos. Paulo chama a atenção para os vários conflitos externos oriundos das disparidades existentes na igreja nascente do primeiro século: o conflito que fora resolvido na *Assembléia de Jerusalém* (Gl. 2.1-10), o conflito com os espiões da liberdade (Gl. 2.4), o conflito de Antioquia (2.11-14) ¹. Logo, a manutenção das disparidades assimétricas (judeu e grego, escravo e livre, homem e mulher) só iria provocar mais conflitos e sofrimentos e por conta disso o chamamento à unidade proposto em Gálatas 3.26-28 ganha força e vigor. Tratava-se de escolher entre unidade ou assimetria, lei ou fé, liberdade ou escravidão.

A missiva analisada no presente trabalho, a saber, Gálatas 3,26-28, traz em seu arcabouço uma exortação enfática quanto à necessidade de unidade, sendo que ao proclamar e defender tal temática, pode o leitor presente fazer uma leitura a

¹ FERREIRA, J. A., *A Liberdade Cristã e os Frutos do Espírito na Epístola aos Gálatas*. p. 869.

partir da *análise do discurso*² e observar que a perícopé revela ao mesmo tempo a aspiração por um ideal proclamado que é justamente aquilo que não era vivenciado, mas que era requisito necessário na visão paulina. A defesa da unidade revela o inverso, revela que possivelmente não havia unidade, por isso tal defesa se faz tão necessária.

A diversidade presente na comunidade precisava ser orientada. Ao propor a superação das diferenças entre judeu e grego, escravo e livre, homem e mulher, o autor revela que elas existiam e que certamente estavam impactando diretamente a vida cotidiana do grupo. Os impactos oriundos das assimetrias entre os gálatas são de tal natureza que necessitam ser citados de forma enfática, precisando ser bem tratados. Se as diferenças não gerassem conflitos, por que o autor as citaria? As diferenças citadas revelam uma comunidade rica na sua diversidade e que provavelmente era geradora de conflitos para sua convivência.

A diversidade presente na comunidade dos gálatas não se limitava às questões étnico-religiosas, sociais e de gênero. Existia também diversidade quanto aos princípios de fé da comunidade. Alguns judaizantes possivelmente estavam inseridos na comunidade, estes de forma discipuladora defendiam e difundiam a necessidade de que os pagãos conversos passassem pelos ritos judaicos, pois somente assim poderiam ser completamente aceitos na comunidade³. Naturalmente esse era um ponto de discordância com o apóstolo Paulo, para este último, a fé era suficiente para que alguém fosse recebido plenamente na comunidade cristã.

A coexistência de pressupostos sobre a própria fé e prática cristã era mais um elemento no já expressivo mosaico. Certamente além de reforçar o conceito de uma pluralidade condensada, devia mexer com a rotina da comunidade. Apesar disso já ter sido motivo de controvérsia entre Paulo e Pedro no primeiro concílio em Jerusalém⁴, os resquícios estavam bem presentes e não resolvidos naquela comunidade, com repercussões e disparidades desestabilizadoras da paz e da fraternidade desejada e idealmente projetada no cristianismo nascente.

² Análise do discurso é um campo da lingüística e da comunicação especializada em analisar as construções ideológicas presentes em um texto, trata-se de uma ferramenta teórica que pode ser utilizada na análise de textos diversos e as ideologias que trazem consigo. Para maior aprofundamento, consultar: FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1998 e GREGOLIN, R., *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: Diálogos e Duelos*. 2005.

³ MAZZAROLO, I., *A bíblia em suas mãos*. p.182.

⁴ *Ibid.*, p. 183.

Não obstante existisse diversidade étnico-religiosa, social, de gênero e de fé, ainda pode ser acrescido a essa lista o fato de que o reconhecimento da liderança e autoridade daquela comunidade era também diverso. Se existiam pressupostos distintos, as figuras de autoridade deveriam e tendiam a ser igualmente distintas. Aqueles que de alguma forma tinham simpatia pelos ritos judaizantes poderiam desenvolver uma ligação e reconhecimento maior com autoridades que estavam infiltradas, pregando tal postura, como possivelmente os líderes mais alinhados com a igreja de Jerusalém, em detrimento da liderança de Paulo. Enquanto isso, os que tendiam a aceitar a fé como único elemento e requisito de filiação divina e pertença do corpo de Cristo, tendiam naturalmente para a liderança de Paulo.

Paulo, já no início da epístola ⁵, tem de justificar que é um apóstolo, assim como enfatiza que o evangelho que anuncia não provém dos homens, mas de Deus ⁶. Desde o início entra na batalha, aquecendo-se para a controvérsia e defendendo o seu apostolado que está debaixo de ataques na Galácia. Se a comunidade dos gálatas estava vivenciando um ataque quanto à autoridade de Paulo, é possível considerar que o reconhecimento da questão da autoridade também era mais um elemento de diversidade. Se assim não fosse, não haveria necessidade de defesa alguma.

A diversidade não é algo próprio apenas da comunidade dos gálatas. Paulo também enfrentou problemas de liderança noutros momentos, tendo igualmente percebido como ameaçada a sua autoridade e apostolicidade (Atos 9.17; I Cor. 9.1; I Cor. 15.10; II Cor. 11.23 e ss; II Cor. 12.12), a unidade e os preceitos da fé (I Cor. 8. 12-13). A diversidade e pluralidade são elementos que transpõem o tempo e o espaço na Galácia e nas igrejas cristãs dos primeiros séculos da nossa era. São características bem presentes e documentadas ao longo da história, algo absolutamente próprio, intransferível, individualizado e marcante na raça humana ⁷. É algo tão forte e presente nas mais diversas culturas, povos e agrupamentos

⁵ Conforme Gálatas 1,1, onde diz: “Paulo, apóstolo, não da parte de homens, nem por intermédio de homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos”. Versão da Bíblia Revista e Corrigida de João Ferreira de Almeida.

⁶ MAZZAROLO, I., op. Cit., p.179.

⁷ É Franz Boas que dará no século XX uma contribuição marcante sobre a necessidade de melhor compreensão da diferença e julgamento do mesmo. Sua contribuição teórica irá permitir que os povos diferentes então denominados “civilizados” não fossem rechaçados como menores, inferiores ou bárbaros, mas apenas como diferentes. Cf. BOAS, Franz. Race, language and culture. New York: Macmillan, 1940.

sociais. Existe uma multiplicidade de diferenças humanas, de gêneros, físicas, mentais, raciais, étnicas, culturais, religiosas, dentre tantas outras ⁸.

Ao projetar a comunidade dos gálatas dentro do seu tempo, percebe-se que a diversidade daquela comunidade implicava em questões relacionais bastante complexas, visto que a conciliação e convivência pacífica, irmanada e fraterna de um *judeu* e um *grego*, este último também chamado de gentio, era algo bastante difícil. O judeu possuía uma postura exclusivista em relação à sua tradição étnico-religiosa. Sua tradição falava dos direitos adquiridos por *herança* dos pais, e eles eram os chamados *filhos de Deus* - argumento este que provoca exclusão e separação dos gentios.

Os gentios, mesmo após passarem pelo processo de conversão ao cristianismo, eram estimulados pelos judaizantes a passarem por ritos judaicos e somente assim estariam de fato servindo a Deus. Certamente este era um fator étnico religioso difícil de administrar.

Se por um lado a comunidade enfrentava o problema étnico-religioso, por outro, a *opressão social* trazia outro ingrediente que distinguia as pessoas entre *senhores* e *escravos*. Em uma comunidade de fé, para se manter a convivência pacífica entre aqueles que eram escravizados com aqueles que os explorava, que tipo de relação seria essa? A escravidão se tornava, pois, um empecilho da liberdade e unidade em Cristo Jesus.

Um motivo de diversidade considerável residia na questão de *gênero*. A mulher era vista no Antigo Testamento como sujeita à autoridade do pai, irmão e marido. Seu valor consistia em dar à luz (Dt. 25.5-10). A esterilidade era uma maldição e a poligamia era um fardo que ela deveria carregar ⁹. A sua posição social da mulher na maioria absoluta dos casos era de inferioridade em relação aos homens.

No mundo grego existiam experiências distintas no trato para com as mulheres; os atenienses tinham um desrespeito bastante acentuado, ao ponto de a educação ser apenas para as damas da corte. A mulher dórica e a mulher espartana eram respeitadas. De uma forma ou de outra, salvo as honrosas exceções, as mulheres em geral não estavam em igualdade quando comparada aos homens. O desafio de gênero pronunciado em Gálatas 3.28b representava um desafio que

⁸ FREIRE, P., *Pedagogia do oprimido*, p. 25.

⁹ BROWN, C., COEBEN, L., *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. p. 183.

apontava para a distinção valorativa dos sexos e da emergente necessidade de supressão desses extremismos para o bem da comunidade.

Os argumentos escriturísticos da epístola tinham a finalidade de salvaguardar a unidade da igreja, unidade entre judeus e pagãos¹⁰, abrangendo toda e qualquer assimetria existente. A perícopé, ao demonstrar as várias partes distintas de uma mesma comunidade, apresenta, por conseguinte, as possíveis tensões existentes nela. Com isso, pode-se dizer que entre os cristãos da região da Galácia se compartilhava problemas que necessitavam de uma mensagem que trouxesse unidade em meio àquela diversidade.

Gálatas 3.26-28 propõe uma simetria em meio à assimetria presente nas relações da comunidade cristã, tratando de uma proposta central onde cristãos de origens sociais, religiosas, nacionais, étnicas, assim como de diferentes gêneros pudessem conviver de forma pacífica e em comunhão, tendo como centro de suas vidas a pessoa de Cristo Jesus, através do batismo. Claro que a coadunação proposta encontrava resistência, e é por isso mesmo que se fazia tão necessária.

A superação das diferenças discriminações de qualquer natureza era algo essencial para a convivência comunitária cristã e não seria possível conviver em um ambiente à luz de Cristo, onde houvesse pessoas se reportando à sua nacionalidade, sexo, condição social ou qualquer outro tipo de aparato pessoal para se superpor aos demais. Então, o elemento unificador passa a ser Jesus Cristo, que na mensagem da perícopé em questão (Gl. 3.26-28) é o elemento que nivela todos na mesma condição de filhos de Deus, sem nenhuma outra sobreposição.

O desenho projetivo da comunidade dos gálatas a partir da epístola de Paulo a este grupo é bastante rico na sua diversidade. Não se pode pensar em homogeneidade, mas numa heterogeneidade em colapso. A diversidade era uma realidade da qual Paulo procurava dar conta.

¹⁰ BONNARD, P., *L'épître de Saint Paul aux Galates*, p. 78.

4.2.

A superação das individualidades em favor de uma proposta comunitária: evidência de uma nova vida revestida em Cristo.

O desafio estava em superar os exageros das características constitutivas das individualidades, não se tratava de negar a existência das mesmas, mas, numa afirmação de que as diferenças não podiam ser empecilho ao evangelho. Paulo propõe que as estruturas de sustentação das individualidades fossem suprimidas por uma proposta comum, onde cada pessoa fosse reconhecido não pela sua nacionalidade, religião, situação social ou gênero, mas pela sua fé e união em Cristo Jesus.

Não se desejava uma homogeneidade nas várias instâncias do ser humano. Ao dizer que *não há* isso nem aquilo, está na verdade afirmando que estas questões devem desaparecer diante do projeto unitário. O grego, gentio, não poderia continuar sendo rejeitado pelo simples fato de não ser judeu. O escravo não poderia ser considerado menor pelo fato de ser pobre. A mulher não poderia ser discriminada pelo simples fato do seu sexo ser feminino. O valor deveria mudar de lugar, sendo que o lugar que deveria ser pretendido não poderia ser outro, senão a fé em Cristo.

Desejava-se uma união em torno de algo maior, algo que nivela a todos por causa de Cristo. As individualidades são apenas marcas de um tempo, de uma cultura, de um povo, de uma perspectiva, mas não constituem o que de fato as pessoas são, sendo que o que as basilam são: a filiação única, a irmandade estendida e o mesmo batismo no Espírito de Jesus.

A comunidade dos gálatas representa de forma simbólica todas as comunidades étnicas que podem ser tipificadas nos gálatas, pois a mesma é cheia de diferenças e a diversidade fica evidente, semelhantemente a muitas outras comunidades daquele e deste tempo.

Um grande desafio para qualquer comunidade - e não é diferente para os gálatas - era suprimir as diferenças em favor que fosse substancialmente relevante. Esse é o desafio utópico apregoado a partir da figura de Jesus Cristo em Gálatas 3.26-28. Trata-se de uma mudança substancial, pois propõe o desafio de *relativizar* os conceitos e costumes culturais em favor de uma nova proposta que valoriza a igualdade e a liberdade.

A manutenção intacta das individualidades e concepções culturais poderia trazer para a comunidade cristã problemas diversos que poderiam resultar no seu fim, pois estes representavam e constituam em diversos momentos a ruptura entre as pessoas, as muralhas, as discordâncias, os antagonismos, os preconceitos, os sectarismos, as divisões, os partidarismos, as auto-exaltações, as humilhações, as injustiças, enfim, a falta de paz e harmonia.

A proposta de unidade continha em si o elemento estabilizador da comunidade dos Gálatas, pois a manutenção das individualidades com a não transformação das individualidades representava uma ameaça à própria sobrevivência do grupo. Enquanto que o enfrentamento dos conflitos e diferenças, ainda que em um primeiro momento resultasse em maiores polêmicas e conflitos, representava estrategicamente uma necessária estabilidade, manutenção e sobrevivência da comunidade.

A responsabilidade pela manutenção da comunidade era responsabilidade de todos e não apenas de pessoas isoladas. Vales destacar que atrelado ao termo *πάντες* (*todos*), existe em Gl. 3.28 uma construção com a segunda pessoa do plural *ὑμεῖς* (*vós*), a construção *πάντες γὰρ ὑμεῖς* (*pois todos vós*) ou apenas *πάντες ὑμεῖς* (*todos vós*), o que pode oferecer um pista interessante sobre a universalidade da mensagem. Assim como para outro aspecto, “vós” como identificação da comunidade local ressalta a necessidade de convivência unitária diante das diversidades encontradas mais especificamente nas igrejas da Galácia.

Importante perceber que em Gálatas 3.1-12 vinha falando na segunda pessoa do plural (*hymeis*); depois, em Gl. 3.13-25 passa para a primeira pessoa do plural (*hemeis*); retoma em Gl. 3.26-28 a segunda pessoa do plural; e assim segue várias alternâncias, como foi já dito ¹¹.

Com isso observa-se o seguinte esquema:

Referência	Pessoa	Termo
Gl. 3.1-12	2ª pessoa do plural	<i>hymeis</i>
Gl. 3.13-25	1ª pessoa do plural	<i>hemeis</i>
Gl. 3.26-28	2ª pessoa do plural	<i>hymeis</i>

¹¹ FERREIRA, J. A., Tese: *A abertura de fronteiras rumo à igualdade e liberdade: A perícopes da unidade em Cristo (Gl 3,26-28)*. p.130.

O pronome pessoal *hymeis* tem uma conotação mais literária, envolve o compromisso comunitário dos Gálatas. Ao mostrar que a adoção filial não é apenas privilégio dos judeu-cristãos, nasce uma nova visão de filiação universal, ao mesmo tempo em que aponta para a responsabilidade direta de “vós”, para que a comunidade torne isso prático ¹².

Segundo o teólogo Joel Antonio Ferreira, seria esperado que Paulo dissesse que “todos nós” somos filhos de Deus, e não que “todos vós” sois filhos de Deus. Afinal de contas Paulo se considerava filho de Deus, logo, poderia perfeitamente se incluir, bastava manter a primeira pessoa do plural conforme vinha usando até Gl. 3.25. A epístola é muito bem trabalhada no nível lógico e não seria provável um erro ocasionado pela pressa ao escrever ou ditar. O autor usa “vós” para *comprometer* os gálatas.

O termo “vós” é usado muitas vezes próximo da pessoa do Espírito. Em quase todas as vezes em que “vós” está atrelado ao Espírito, prefere-se “vós” ao invés de “nós”. Várias passagens atestam para a tendência de preferência por “vós” (*hymeis*) quando se liga ao Espírito. É o caso de Gl. 3.1-5, quando se refere ao recebimento do Espírito. Em Gl. 4.6 também acontece uma mudança de primeira pessoa para a segunda ao falar do Espírito, ocorrendo também o mesmo em Gl. 5.13-24.

A comunidade deveria ser implicada com as responsabilidades e questões práticas do ingresso no povo de Deus. O “vós” representa mais que uma fala dita e redita como ato litúrgico batismal; é o senso individual de que cada gálata precisa ter em sua caminhada de fé.

Refletir sobre a nova condição era algo necessário para as comunidades, visto que agora os gálatas estavam sob “nova gestão” e não fazia sentido continuar replicando as categorias sociais existentes. Paulo utiliza em várias cartas menções sobre esse novo momento pelo qual deveriam passar os conversos.

A metáfora do vestir-se pode ser usada, em sua origem, de duas maneiras. Existe o primeiro uso de uma vestimenta numa hora solene, como quando do ingresso numa nova comunhão de serviços. Esse momento seria, então, o batismo.

¹² Ibid., p.131.

Não em contradição a isso, mas sensatamente correlacionada, existe depois a múltipla renovação desse acontecimento básico. É disso que tratam os quatro exemplos referidos das cartas paulinas (de modo analógico também Hb. 12.1 e I Pe 2.1). Batismo e decisão diária estão numa correlação íntima, assim como confissão e fidelidade à confissão.

Formulações padronizadas como estas têm de abreviar e generalizar, requerendo uma decodificação sensata. Nisto, cabe proteger a frase contra mal entendimentos. “**Não pode (mais) haver**”, o que não tenta negar que haja também as diferenças naturais na igreja e que por isso possam surgir certos problemas a qualquer momento. Não é sem razão que os escritos apostólicos exortam em separado idosos, jovens, homens, mulheres, pais, crianças, livres e dependentes em suas relações recíprocas. Nesta formulação, portanto, não se oculta nenhum elemento anárquico que quisesse derrubar todas as diferenças existentes. Tampouco a exclamação “**todos vós sois um**” proclama uma cultura cristã fraterna e unitária. Ela não se volta contra a pluralidade decorrente da criação, nem contra a riqueza de caminhos históricos, nem contra as centenas de flores coloridas que florescem e têm o direito de florescerem no “campo” da igreja. A redenção de Deus não devasta a criação de Deus.

No versículo 27 encontra-se uma citação que pode ser comparada a muitas outras passagens de autoria paulina que refletem o pensamento do autor sobre esse novo momento: “... *de Cristo vos revestistes...*” e esta é uma das metáforas favoritas de Paulo (Rm. 13:12; Ef.. 4:24; Cl. 3:12-13). Mas ele faz aqui (e em Rm. 13:14) o emprego mais ousado da expressão, comparando o próprio Cristo a uma veste. A frase transmite uma sugestão notável do estreito contato que existe entre Cristo e o crente. *Aqueles que se revestem de Cristo não podem fazer outra coisa, senão agir de acordo com o Espírito de Cristo.* A passagem em Romanos aqui mencionada supre (13:14), *revestir-se de Cristo* e é a antítese de fazer provisão para a carne, apoiando o argumento de que a metáfora fala de um tipo de vida essencialmente novo. Tudo deve ser agora relacionado com Cristo ¹³.

O simbolismo da veste no verso 27 fala figuradamente de “vestir” uma outra pessoa, o que era bastante difundido na Antiguidade, tanto entre gentios quanto entre judeus, no AT e em outras religiões, em todas as línguas, de forma

¹³ GUTHRIE, D., *Gálatas: Introdução e comentário*, p. 139.

bem superficial, mas também como expressão de uma importante experiência de Deus (A. Kehl, x, pág 945 – 1024). Esse grande e colorido estoque de possibilidades torna difícil a interpretação no caso concreto. De forma alguma se pode catar um sentido qualquer dentre o material histórico-religioso, afirmando-o sem maior análise para essa passagem. Isso seria pura arbitrariedade e em nosso caso não teria nada a ver com Paulo. Para a interpretação apropriada da passagem sobre o batismo no verso 27, existem duas proteções contra mal-entendidos: a inserção orgânica da ideia na sequência do raciocínio, bem como as diversas ocorrências de “revestir-se de Cristo” nos demais escritos de Paulo. É metodologicamente aconselhável permanecer nesta dupla moldura ao se interpretar a passagem do batismo.

A *parênese* judaica quase sempre incluía o tema “dois caminhos” (Pr. 4, 18-19; Sl. 1, 6; TAsér 1, 3-5; 1QS 3,13-4,26). Esse dualismo ético se reflete na linguagem paulina de andar no Espírito (*versus* na carne) ou na luz (*versus* nas trevas) e na exortação para livrar-se de certas características e revestir-se de outras (Cl. 3, 8-17; Ef. 4,22-24) que Paulo resume como revestir-se de Cristo (Rm. 13, 14)¹⁴.

Paulo chama os que experimentaram a entrada do evangelho em suas vidas “filhos” (*huiioi*) da luz e do dia. Já não devem ser classificados em ternos de noite e trevas (I Ts. 5,5). Por isto, Paulo os instrui a viver na expectativa do fim dos tempos como motivação para a vida; não como os que dormem, como se estivessem em um estupor moral, mas como os que estão acordados (Rm. 13, 11; I Ts. 5, 2-6). Eles devem rejeitar as “obras” das trevas e revestir-se das “armas da [hopla] da luz” (Rm. 13,012). Na passagem paulina paralela, essas armas são identificadas como a “couraça da fé e do amor” e com o “capacete da esperança da salvação” (I Ts. 5, 8).

Em Efésios, o argumento todo a respeito da vida transformadora expande-se quando os leitores são convocados a despertar (Ef. 5, 14) e a viver como filhos da luz (Ef. 5, 8), como o fruto da luz (entendido como bondade, justiça e verdade), que é comparado de forma antagônica com as obras estéreis das trevas (Ef. 5, 7-11) e da desobediência (Ef. 5,6). Estas obras das trevas parecem estar ocultas agora, mas a luz de Cristo expõe a natureza mortal delas e torna visível o

¹⁴ HAWTHORNE, G. F., MARTIN, R. P., REID, G. R., *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 457.

caráter da ação humana (Ef. 5, 12-14). Além disso, depois de uma explicação da natureza recíproca dos códigos domésticos cristãos em contraste com os códigos autoritários do mundo helenístico (Ef. 5,21- 6,9) a análise chega ao auge com uma declaração prolongada da armadura que o cristão precisa para enfrentar as manobras dos poderes das trevas no mundo (Ef. 6,10-17). Esta passagem conclui, então, com um chamado para ficar acordados e prontos para a batalha e para o anúncio do evangelho (Ef. 6, 18-20) ¹⁵.

Uma nova vida implicava na supressão dos modelos que levavam à morte e não fazia sentido viver dentro da comunidade cristã reproduzindo as estruturas de antes, sendo necessário revestir-se de algo novo. A unidade e a alteridade eram e continuam sendo um bom caminho.

Ao afirmar que *não há* judeu nem grego, quando lido ao contrário, identifica-se a partir da análise do discurso que estas eram realidades bem presentes. Mas como manter esta relação de exaltação dos valores étnico-religiosos? Diante de Jesus Cristo estes valores precisam ser repensados, mas não suprimidos ou negados, visto que o próprio Paulo não negou sua cidadania Romana ou Judaica ¹⁶. Assim, essas identidades, ou quaisquer outras, deveriam estar a serviço da unidade, pois não fazia nenhum sentido utilizá-las como elemento de autoridade e divisão.

Se “*todos vós sois um em Cristo Jesus*”. O fator mais importante desta declaração é o significado da palavra "um". Se todas as pessoas, independentemente das classes supracitadas as quais pertenciam, são consideradas em pé de igualdade, é porque em Cristo todas parecem iguais, como se um só Homem abrangente incluísse todos os cristãos. A plena força do gênero masculino de *heis* (um) deve ser mantida, porque a ideia não é de uma organização unificada, mas, sim de uma personalidade unificada. A Igreja é o corpo e Cristo é a cabeça, sendo este caso as únicas distinções permissíveis são aquelas de função, tais como a diferença entre a mão e o pé. Não há lugar para que o judeu julgue ser ele

¹⁵HAWTHORNE, G. F., MARTIN, R. P., REID, G. R., *Dicionário de Paulo e suas cartas*. p. 810.

¹⁶ Paulo, quando necessita não abre mão da sua cidadania Romana, nem omite o fato de ser judeu. Quando preso e em momento de apuro Paulo usa sua identidade para prover-lhe liberdade, conforme descrito em Atos 22, 25: *Quando o estavam amarrando com correias, disse Paulo ao centurião presente: Ser-vos-á, porventura, lícito açoitar um cidadão romano, sem estar condenado?* Versão da Bíblia Revista e Corrigida de João Ferreira de Almeida.

qualquer parte especial do corpo, e o mesmo aplica-se a todas as demais distinções ¹⁷.

As palavras "em Cristo Jesus" estão ligadas com a mesma frase no verso 26 e a unidade mencionada ali é essencialmente uma união espiritual, inseparavelmente relacionada com a posição pessoal do crente em Cristo ¹⁸.

A proposta de unidade defendida na perícopes carregava em si um caráter pragmático e estratégico. Ainda que inicialmente pode não ter sido o motivo sua menção, ela representava de forma objetiva uma abertura de fronteiras para todos os gentios.

A perícopes de Gálatas 3.26-28 propõe o reverso, a reinvenção, a fraternidade, a unidade, o igualitarismo, a supressão de tudo o que separa em troca de algo que os una, Cristo Jesus ¹⁹. Para alcançar a pretendida unidade era necessário relativizar diferenças e individualidades. Ao quebrar os antagonismos, estava abrindo as portas, janelas e telhados para a recepção de todos aqueles que quisessem vivenciar um *novo pacto*, sendo que esta abertura não era penas para os gálatas, mas para todos os cidadãos do mundo que quisessem se tornar *cidadãos dos céus*.

4.3

Liberdade e abertura

Certos missionários estavam tentando convencer aos gentios convertidos de que para efetivamente se tornarem herdeiros da promessa e filhos precisavam ser circuncidados e aceitar a Lei ²⁰. Parece que tal pregação feita pelos judaizantes estava surtindo algum efeito sobre aqueles a quem Paulo havia pregado, tanto que isso leva o autor a combater veementemente tal pregação.

É incerto precisar quem seriam os referidos missionários que Paulo estava combatendo, mas muitos estudiosos apontam que os "falsos irmãos" em Gl. 2.4,

¹⁷ GUTHRIE, D. *Gálatas: introdução e comentário*, p. 140

¹⁸ *Ibid.*, . p. 140.

¹⁹ Cf. Gálatas 3,36-28.

²⁰ SANDERS, E.P., *Paulo: A lei e o povo judeu*. p. 31.

que se tratava de judeus cristãos da *direita* ²¹. O teólogo Pierre Bonnard defende a tese de que provavelmente os judaizantes indicados por Paulo eram cristãos, provavelmente de origem judaico-helênica ou ainda ex-gentios que se fizeram prosélitos antes de se tornarem cristãos ²². Estes missionários pregavam um evangelho *diferente* (Gl. 1.6) e que trazia bastante incômodo ao missionário Paulo.

Os então denominados “falsos irmãos” podem ter apoiado suas convicções em Gn. 17.9-14, onde diz que Abraão e sua descendência devem ser circuncidados, conforme segue ²³:

“Disse mais Deus a Abraão: Guardarás a minha aliança, tu e a tua descendência no decurso das suas gerações. Esta é a minha aliança, que guardareis entre mim e vós e a tua descendência: todo macho entre vós será circuncidado. Circuncidareis a carne do vosso prepúcio; será isso por sinal de aliança entre mim e vós. O que tem oito dias será circuncidado entre vós, todo macho nas vossas gerações, tanto o escravo nascido em casa como o comprado a qualquer estrangeiro, que não for da tua estirpe. Com efeito, será circuncidado o nascido em tua casa e o comprado por teu dinheiro; a minha aliança estará na vossa carne e será aliança perpétua. O incircunciso, que não for circuncidado na carne do prepúcio, essa vida será eliminada do seu povo; quebrou a minha aliança”.

Para referendarem o proselitismo e a adoção de práticas judaicas pelos gentios conversos, é possível que os judaizantes se apoiassem Is. 56.6-8, onde está expresso que os estrangeiros ingressos no povo de Deus mantenham a aliança (circuncisão) ²⁴, conforme segue ²⁵:

“Aos estrangeiros que se chegam ao SENHOR, para o servirem e para amarem o nome do SENHOR, sendo deste modo servos seus, sim, todos os que guardam o sábado, não o profanando, e abraçam a minha aliança, também os levarei ao meu santo monte e os alegrarei na minha Casa de Oração; os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão aceitos no meu altar, porque a minha casa será chamada Casa de Oração para todos os povos. Assim diz o SENHOR Deus, que congrega os dispersos de Israel: Ainda congregarei outros aos que já se acham reunidos”.

²¹ Ibid., p. 31.

²² BONNARD, P., *L'Épître de Saint Paul aos Galates*, p.17-19.

²³ Versão da Bíblia Revista e Corrigida de João Ferreira de Almeida.

²⁴ SANDERS, E.P. op. cit., p. 32.

²⁵ Versão da Bíblia Revista e Corrigida de João Ferreira de Almeida.

A ameaça que a comunidade da Galácia sofria se dava pela inexistência, por exemplo, de uma *halaká* determinando as condições de admissão na comunidade cristã. Como os novéis cristãos tinham de tomar decisões práticas com poucas orientações até então, é considerável a probabilidade de decisões incertas. A resposta de Paulo quanto à circuncisão pode ser encontrada em vários lugares de Gálatas, especialmente em Gl. 5.1-5:

“Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais, de novo, ao jugo de escravidão. Eu, Paulo, vos digo que, se vos deixardes circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará. De novo, testifico a todo homem que se deixa circuncidar que está obrigado a guardar toda a lei. De Cristo vos desligastes, vós que procurais justificar-vos na lei; da graça decaístes. Porque nós, pelo Espírito, aguardamos a esperança da justiça que provém da fé”.

Outras questões foram levantadas, como a questão dos estrangeiros que se Convertiam. Para essa questão pode-se destacar Gl. 3.8-5.

“Ora, tendo a Escritura previsto que Deus justificaria pela fé os gentios, preanunciou o evangelho a Abraão: Em ti, serão abençoados todos os povos. De modo que os da fé são abençoados com o crente Abraão. Todos quantos, pois, são das obras da lei estão debaixo de maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no Livro da lei, para praticá-las”.

Além das respostas dadas às contestações apresentadas, é possível ainda dizer que Gálatas 3.26-28 sintetiza uma resposta única às questões apresentadas, demonstrando que as assimetrias devem ser superadas e relativizadas, não havendo judeu nem grego, escravos nem livre, homem nem mulher. A passagem relativiza as barreiras assimétricas e aponta para a fé em Jesus Cristo como elemento de filiação e pertença ao povo de Deus:

“Todos, pois, filhos Deus sois, mediante a fé em Cristo Jesus. Todos quantos pois em Cristo fostes batizados, Cristo vos revestistes. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem e mulher, todos pois vós um em sois em Cristo Jesus”.

É importante notar o valor hermenêutico possível oferecido pela perícopé, válido em qualquer tempo, lá no primeiro século e hoje no século XXI, também é

válido em qualquer lugar, tanto na Galácia como em qualquer país hoje. Isso é possível graças inclusive à relevância social e fraterna de Gl. 3.26-26.

A questão central que deve ser absorvida não é a rejeição da Lei, mas a aceitação da fé como elemento de entrada ao povo de Deus. O argumento é a favor da fé em detrimento das obras humanas ²⁶. Paulo oferece uma chave hermenêutica importantíssima: os crentes passam da condição de escravos à condição de filhos. Se não há mais escravos nem livres, aqueles que eram escravos - quer por questões sociais ou por questões da Lei - passam a ser filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo ²⁷.

Diante da crise de liberdade, pois existia a possibilidade de os gálatas voltarem à escravidão da Lei, Paulo apresenta seu argumento que tinha um tom bastante libertário; ele recorre a Abraão, que é anterior à Lei de Moisés, para falar da liberdade que provinha da fé. Tratava-se, pois, de voltar às origens ²⁸.

Para Comblin, Paulo faz uma sutil relação entre os dois filhos de Abraão para explicar e defender a liberdade. Abraão teve dois filhos, sendo que um nasceu da escrava Agar e o outro filho da sua esposa Sara. Paulo, aludindo às reflexões teológicas de rabinos no estilo targúmico, irá dizer que os gálatas são filhos da mulher livre e não da escrava (Gl. 4,31) ²⁹, associando a mulher escrava à montanha onde esta foi buscar refúgio, sugerindo o Sinai, que por sua vez sugere Moisés. Compara, por sua vez, a mulher livre a Sião, Jerusalém. Jerusalém não é a cidade da Lei, mas a cidade onde os profetas anunciaram a realização da aliança, a aliança da liberdade ³⁰.

O teólogo Giavani, apresenta um esquema que Paulo usa para justificar a salvação por meio da fé associada a Abraão e demonstrada nas escrituras, dessa forma ele foge da estrutura de Lei ³¹.

²⁶ SANDERS, E.P., *Paulo: A lei e o povo judeu*. p. 32.

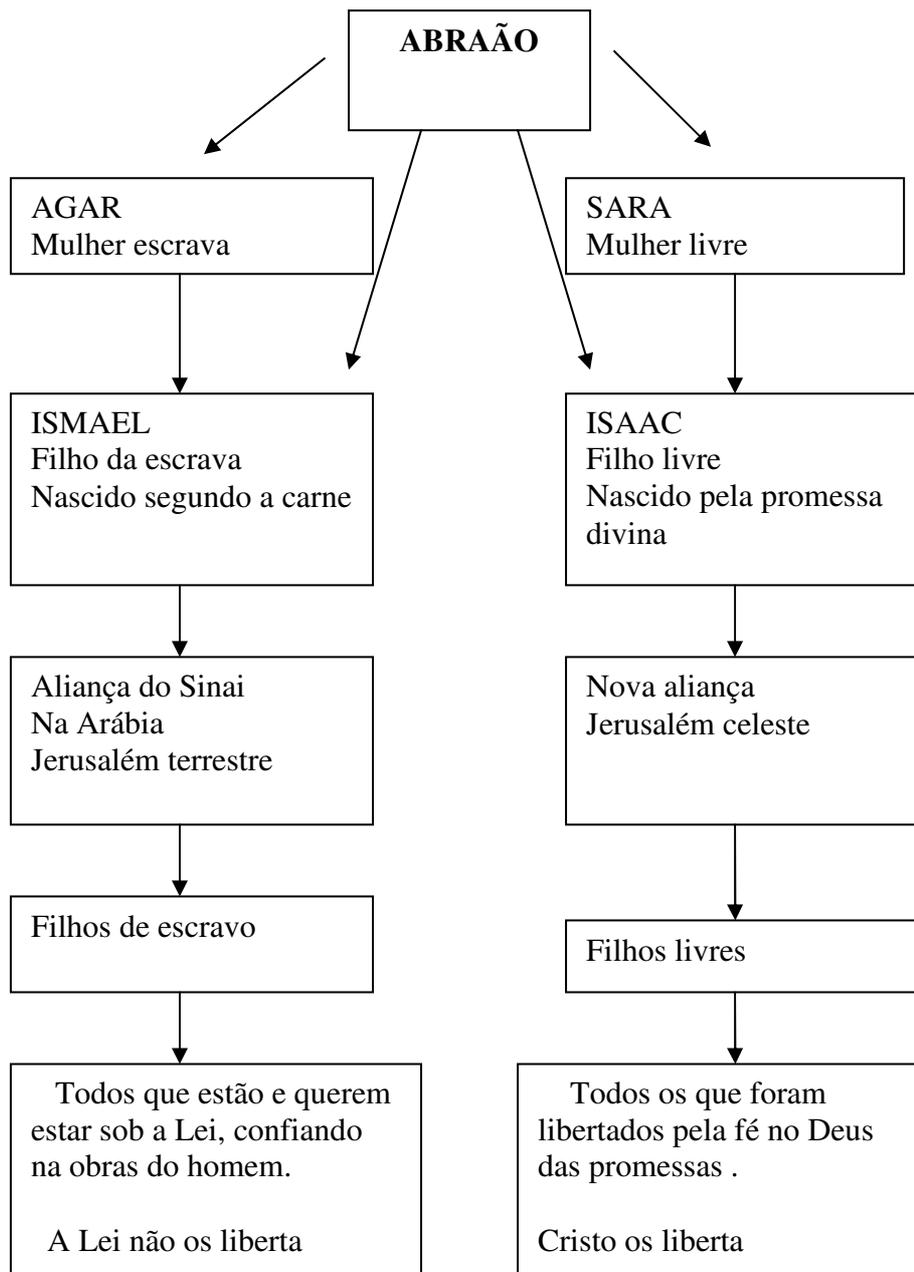
²⁷ SAMPAIO, B., Tese: *A noção de herança nas epístolas Paulinas aos Romanos e aos Gálatas*. p.100.

²⁸ COMBLIN, J. *A liberdade Cristã...* pp. 33-34.

²⁹ Cf. COMBLIN, J. *A liberdade Cristã...* p. 33-34. Trata-se de explicitar que a lógica da liberdade está embasada nas escrituras e não no próprio Paulo.

³⁰ *Ibid.*, pp.34-35.

³¹ GIAVANI, G. *Gálatas*, p.72.



O caminho da salvação reside na fé em Cristo Jesus (3,26), tendo Abraão como argumento, como aquele que recebera a promessa de que todas as nações nele seriam benditas (3,8), ora se a Lei traz maldição, Cristo torna-se maldição da Lei para estender as bênção de Abraão para todos os povos indistintamente (3,26-28) e não se trata de uma descendência carnal, mas de outra natureza, a descendência que provém da fé ³².

³² GIAVANI, G. *Gálatas*, p. 403.

A intuição hermenêutica aqui proposta aponta para uma valorização do ser humano em todos os sentidos. O ser humano que se encontra com Cristo precisa ter sua vida *resignificada*. A experiência de fé com Cristo Jesus oferece uma perspectiva nova e libertadora compreensão da vida através essa fé.

A liberdade é um chamado. É vocação. É o próprio Deus quem faz o apelo. Os gálatas foram inseridos em um novo viver (6.15), uma nova experiência de liberdade comunitária. Porém os gálatas não entenderam completamente todo o valor e riqueza da liberdade cristã³³.

A liberdade cristã, segundo Boonnard, não se restringe à vocação libertadora, mas estende-se por toda a vida moral. A liberdade cristã é ampla, não sendo nem espiritual nem interior; é total e precisa que o homem todo, inteiro, a pratique diariamente. A liberdade não pode ser utilizada para dar oportunidade à carne.

A liberdade não é proposta da carne, no entanto, vários gálatas mudaram de lado. Os gálatas só entendem a verdadeira riqueza da liberdade quando servem uns aos outros, vivendo o *ágape* (amor). Ainda que pareça uma contradição, servir (ser escravo) não significa cair em um jugo de escravidão, mas significa que é voluntariamente se é estimulado pelo amor de servir³⁴.

Paulo começa a descrever a condição dos que estão livres da Lei. **Pois todos vós sois filhos de Deus.** Em suas cartas ele fala tanto de “crianças” quanto também de “filhos”. Lutero preferia traduzir também como “crianças”, o que se encontra na carta aos Gálatas, por exemplo, em 3.7,26 e 4.6,7. Com isso ele ganhou a possibilidade da inclusão dos membros femininos da igreja, que para nosso senso linguístico não estão incluídos sobre “filhos”. Contudo, com essa adaptação também se perde algo. De acordo com o entendimento bíblico, “filho” traz consigo, além dos laços sanguíneos da família, uma conotação jurídica. Pode-se ser filho biologicamente, sem sê-lo de fato (Lc. 15.21,24). Em última análise, não é o nascimento que conta, mas um ato expresso de aceitação tem de acompanhá-lo³⁵. Portanto, ser filho constitui uma posição de direito e inclui o direito à herança (Gl. 3.29; 4.7), direito de petição (Gl. 4.6), direito à liberdade e a

³³ FERREIRA, J. A., *A Liberdade Cristã e os Frutos do Espírito na Epístola aos Gálatas*, p. 861.

³⁴ *Ibid.*, p. 861.

³⁵ C.f., FOHRER, *ThWNT* VIII, p. 345; Paulo fala cinco vezes de uma “aceitação como filho”.

ser senhor (Gl. 4.5,7). A partir desses aspectos é justamente a condição de *filhos* de Deus que fundamenta a liberdade dos gálatas da Lei.

Acontece que naquele tempo pregadores estóicos também proclamavam com grande desenvoltura: “Todos nós temos a Deus como Pai, somos todos por natureza crianças de Deus!” Por trás desta mensagem estava uma filosofia segundo a qual Deus é uma substância que perpassa o cosmo inteiro, pedras, plantas, animais e, mais precisamente, também as pessoas. De forma bem diferente, os adeptos dos cultos de mistérios também acreditavam em sua filiação divina. Ela seria concedida não por natureza, mas por via sacramental. Eles proclamavam de modo sugestivo uma verdadeira participação na divindade pela participação em rituais. Em contraposição, Paulo localiza a filiação divina dos gálatas inequivocamente **em Cristo Jesus**. Na presente carta, à expressão ocorre ao todo seis vezes (cf. o exposto sobre Gl. 3.14). Deus transformou o Crucificado numa esfera que jorra bênçãos. É nele que se experimenta a justificação (Gl. 3.28). Em outras palavras, recebe-se Espírito, Espírito de filho, Espírito de oração (Gl. 4.6). Por esse meio a nossa condição de filhos está ligada à condição de Filho dele e é acompanhada por ele. Somos filhos de Deus somente como irmãos do Filho primogênito (Rm. 8.29) e somos herdeiros somente como co-herdeiros (Rm. 8.17). Cristo é a base *ôntica* de nossa condição de filhos.

Com vista à explicação do versículo 27, torna-se necessária uma observação prévia. O versículo introduz uma temática para fundamentar algo pelo batismo. Mas para fundamentar o quê? Precisamente – como conclui a maioria – não para fundamentar a condição recém mencionada dos gálatas de filhos de Deus, pois para isso o apóstolo já havia dado no mesmo versículo uma resposta completa: Sois filhos de Deus “mediante fé” no Senhor Jesus Cristo. Debaxo da proclamação da fé eles receberam a justificação e o Espírito de filiação (Gl. 3.5,6). A carta inteira garante que essa resposta é suficiente em todos os sentidos. Nada deve privá-la da força de impacto. Não se pode fundamentar de uma maneira mais profunda, mais clara e mais real a filiação de Deus. Para um entendimento apropriado do versículo sobre o batismo, porém, precisa-se notar que o verso 26 já representava uma fundamentação e que o verso 27 fornece paralelamente a ela uma segunda fundamentação. Ambas as frases começam com: “porque todos” (cf. RC). Portanto, ao lado de um primeiro argumento, Paulo coloca de forma complementar um segundo. Ambas as afirmações em conjunto alicerçam a

conclusão do verso 25: “não permanecemos subordinados ao *aio*”. Temos assim diante de nós uma dupla justificativa da liberdade da Lei. Somos livres da Lei porque, em primeiro lugar, somos filhos de Deus mediante a fé (v. 26) e, em segundo lugar, nos revestimos de Cristo mediante o batismo (v. 27).

De maneira similar a Rm. 6.3,4 o apóstolo está lançando um olhar lateral para o batismo. **Porque todos quantos fostes batizados.** No primeiro cristianismo, quem chegava à fé também chegava ao batismo. Esse passo duplo “fé e batismo” são comprovados por textos axiais como Mt. 28.19; Mc. 16.16; At. 2.38,41.

Existe uma profunda mudança em qualquer comunidade quando os valores determinantes para a convivência não se baseiam nos referenciais externos culturais. Quando o respeito ao outro não depende da posição social que o mesmo ocupa, mas do amor que “A” expressa em relação à “B”, decidindo neste processo servir, ocorre inevitavelmente a inserção da dignidade humana, do respeito, da pacificação, da unidade e fraternidade.

Numa mentalidade de nova criação, ninguém pode ser espião da liberdade do seu irmão, nem muito menos pode haver barreiras de nenhuma natureza em que os indivíduos sejam valorados a partir delas. Assim como não podia haver judeus e gregos, não pode hoje haver europeus e africanos. Assim como não podia haver escravos e livres, não pode hoje haver brancos e negros. E, se não podia haver homem e mulher, não pode hoje haver classes privilegiadas, preconceitos, cultos e iletrados, pois todos recebem o mesmo batismo, a mesma fé e são igualmente filhos de Deus.

A epístola aos Gálatas tem sido considerada e intitulada por muitos como a Declaração de Independência Cristã. No entanto, mostra ao mesmo tempo em que este ser humano livre, é extremamente dependente de Deus. A libertação diz respeito à *legislação mosaica* e suas exigências, tanto no que tange à salvação como norma de conduta cristã. A regência se dá através do relacionamento com Cristo por meio da fé. Trata-se efusivamente de uma nova regra de vida, uma nova norma de se vivenciar a fé ³⁶.

Isso quer dizer que a totalidade dos sistemas de normas e de preceitos que organizava a vida do povo de Israel fica suprimida para os membros

³⁶ CHAMPLIN, R. N., *O Novo Testamento Interpretado*. p. 429.

do novo povo de Deus, sendo substituída por um novo princípio: a liberdade. Como está agindo a liberdade, quem a preside é o amor. A liberdade é o amor. Por isso pode-se dizer que a lei é substituída por outra lei, a lei que é o contrário da lei, a lei do Espírito, a lei do amor, a lei da liberdade. Este é o princípio da igualdade (Gl 3,28) que rompe qualquer barreira que queira separar os que querem vivenciar uma vida nova.

Como a vida do Espírito se traduz na vida concreta da comunidade? Não é simples e nem fácil. Paulo já mostrara aos gálatas que Jesus a havia libertado e que tinha recebido o Espírito Santo (Gl. 3,2-3). Porém, o perigo de retornar à escravidão é forte, se não houver visão comunitária na caminhada ³⁷.

A afirmação de que em Cristo não há nem homem (macho) nem mulher (fêmea), significa uma revolução sociológica bastante expressiva, pois une e relativiza, de forma muito concisa, opostos bastante distintos. Indica ao mesmo tempo liberdade de viver a fé cristã e abertura para proclamá-la.

Se os Gálatas experimentarem o amor comunitário, terão forças para viver e lutar pelo princípio da igualdade e assim viver a liberdade. Lutar para romper as barreiras leva à liberdade cristã. O Espírito busca a judeus e gregos, que hoje podem ser identificados por croatas, sérvios, albaneses, macedônios, kosovitas, ingleses, latino-americanos, alemães, italianos, estadunidenses, angolanos, eritreus, etíopes, filipinos, sulistas, nordestinos, indígenas e quilombolas ³⁸.

4.4

Alteridade e resistência: implicações práticas de uma proposta revolucionária.

A alteridade requerida por Paulo aos gálatas implica automaticamente que estes precisam reconhecer no outro uma pessoa, um semelhante, alguém para quem o Sagrado se direciona. A alteridade permite a abertura. Se os conversos permanecessem olhando para o seu irmão e visualizando-os como indivíduos superiores ou inferiores, por causa das assimetrias mais diversas, a relação

³⁷ FERREIRA, J. A., *A liberdade cristã e os frutos do espírito na epístola aos Gálatas*. p. 864.

³⁸ *Ibid*, p.880.

passaria não pela unidade, mas pela mesma classificação estrutural existente na sociedade com sérios comprometimentos ao ideal transformador e revolucionário da perícopes ³⁹.

A percepção do *outro* poderia ser austera, caso as ideologias sobre este mesmo *outro* fossem refeitas, por isso em Gálatas 3.26, os crentes são convocados a serem *igualmente* filhos de Deus. Ao se tornarem igualmente filhos de Deus as percepções discriminadoras seriam revistas (Gl. 3.28) e as fronteiras abertas através de uma proposta universal ⁴⁰. A justificação ocorrida pela fé, é enfatizada na unidade. Unidade que se liga a Deus (Gl. 3,20) e também a Cristo (Gl. 3,16) e no único evangelho (Gl. 1.6-9; 2.7-8; 5.14), onde todos se tornam *um em Jesus Cristo* ⁴¹. Se todos se tornam *um* por intermédio dele. Ele é o balizador de toda a fé e a referência primordial daqueles que unidos a ele tomam uma nova postura diante da vida, da comunidade e da sociedade.

Faz-se necessário mencionar que em Cristo não existe exclusivismo ⁴², não existe os mais bem amados ou aqueles que não são amados, não existem os privilégios pomposos pelo fato de ser homem, ser rico, ser senhor, ser religioso e nem ainda o fato de ter uma erudição filosófica ganha destaque especial. Aquele que é rico e senhor não pode reivindicar nada por estar em condição social diferenciada dos demais ⁴³, pois ele se torna em Cristo *igual* ao escravo, sendo *um* em Cristo. A mulher não precisa se considerar inferior ao homem, pois ambos participam do mesmo batismo e do mesmo Espírito de Cristo. Tal proposta representa, então, uma revolução estrutural e absolutamente significativa na sociedade.

A proposta paulina descrita na perícopes tem um alto impacto na percepção imediata da comunidade dos gálatas e também nos demais ouvintes possíveis. A questão das implicações religiosas e culturais era bastante acirrada e, ao afirmar que *não há judeu nem grego*, propõe-se na verdade à desconstrução do

³⁹ FERREIRA, J. A., *A Liberdade Cristã e os Frutos do Espírito na Epístola aos Gálatas*. p.864.

⁴⁰ Já que a barreira étnico-religiosa fora quebrada.

⁴¹ FERREIRA, J. A., *Tese: A abertura de fronteiras rumo à igualdade e liberdade: A perícopes da unidade em Cristo (Gl 3,26-28)*.

⁴² Ao menos essa era a proposta da perícopes, no entanto o modelo conflitual confirma que as comunidades cristãs não tinham absorvidos, nem absorvem com facilidade estas premissas, permaneceram valorizando o patriarcalismo, as relações sociais assimétricas e as relações valorativas étnico-religiosas.

⁴³ Muitas vezes o fato de ter condição social privilegiada era fruto justamente da corrupção e exploração do outro, do semelhante. O presente trabalho não se deterá a analisar essa questão em função do seu objetivo de pesquisa.

pensamento, principalmente do judaico, constituído e instituído ao longo do tempo. Os gregos aqui na verdade denotam não os eruditos filósofos e seu cabedal de conhecimento, mas os étnico-pagãos, os estrangeiros que eram também marginalizados⁴⁴ e tidos como *impuros*. Mesmo que se convertessem ao judaísmo e viessem a praticar os rituais religiosos judaicos, sempre seriam, de alguma forma, vistos como ilegítimos.

O que de fato estava em jogo e era o alvo central da missiva, era a questão soteriológica e eclesiológica e não há como negar que Paulo tinha em mente a preocupação em defender a fé em Jesus Cristo como requisito basilar para se torna filho de Deus em detrimento da Lei. A questão é que a missiva traz em si força suficiente para a partir de si irradiar outras questões que possivelmente não teria sido o foco central do autor. Apesar de reconhecer a possível tensão, é bastante plausível admitir que uma proposta não anula a outra e que ambas podem caminhar juntas na análise da perícopa. O autor, ao tratar de uma questão eclesiológica, emite um parecer com repercussões sociais. Aliás, as questões estruturais assimétricas (judeu e grego, escravo e livre, homem e mulher), que são empregadas por Paulo para dar conta de uma demanda eclesiológica, seguindo o curso contrário, também podem surtir efeito, desde que uma não tente anular a outra.

Seria ingênuo imaginar que o simples anúncio eclesiológico de que não há mais judeu e grego acabasse com as diferenças entre esses; Assim como que o anúncio negativo das diferenças entre escravo e livre fizesse com que os senhores, mesmo os cristãos, libertassem os escravos ou passassem a vê-los de uma hora para outra como iguais. Assim como é improvável pensar que as mulheres ao acolherem a negativa quanto à diferenciação em Cristo, entre elas e seus esposos, maridos e irmãos, mudasse repentinamente sua visão de mundo já arraigada.

É possível defender que o anúncio de Gálatas reflita muito mais a tensão do que a solução e que poderia ser muito mais uma denúncia do que uma lei aprovada e adotada por todos indistintamente. No entanto, não se pode negar que o anúncio não é tão facilmente acatado assim. Mas, uma vez que foi feito por um grande e respeitado líder, ainda que não tenha tido aplicabilidade maior imediata,

⁴⁴ BOYARIN, D., *A radical Jew Paul the politics of identity*.

é possível que tenha provocado reflexão e ampliação sucessiva e crescente sobre a temática. Logo, reflete e provoca abertura, seja de uma forma ou de outra.

A introdução da expressão não há homem (macho) e mulher (fêmea) no ato batismal litúrgico, deve ter surgido em um ambiente feminino onde as mulheres de destaque conseguiram impor a elaboração desta significativa frase. Paulo deve ter interpretado os sinais daqueles tempos, o tempo nascente do feminino e sua importância na igreja e sociedade ⁴⁵, ao ver o papel das líderes que dirigiam culto nas suas próprias casas ⁴⁶, onde naturalmente podiam falar com liberdade, ao contrário do que acontecia em outros recintos sagrados e oficiais.

A assimetria de gênero era algo absolutamente forte no primeiro século e não se tem notícia que tenha havido nenhuma alteração brusca na temática, mesmo nas comunidades cristãs. A *patriarcalismo* era e é uma realidade de imposição sobre o feminino ⁴⁷. No mundo greco-romano do primeiro século quem determinava privadamente os aspectos econômicos, morais, educativos (mesmo que a criança em casa fosse acompanhada pela mãe) e ideológico-religiosos eram os homens. Na sociedade como um todo os poderes de governo estavam nas mãos dos homens e eles legislavam, julgavam e administravam ⁴⁸ e essa realidade não mudaria da noite para o dia, ainda que se desejasse ⁴⁹.

É claro que uma mudança tão radical seria difícil de acontecer, assim como demoraria tempo para ser implantada. Apesar da visível irritação de Paulo, ao chamar os gálatas de insensatos, é necessário reconhecer que adotar uma proposta nova em detrimento de outra proposta já milenar, não era tarefa fácil. Não era à toa que a autoridade de Paulo estava sendo questionada e por isso mesmo ele defende sua apostolicidade desde o início da epístola. É bom completar que, ao ter sua teologia questionada, sua autoridade sofria danos igualmente.

⁴⁵ Para ver maiores detalhes, consultar o artigo a seguir: FERREIRA, Joel Antonio. Não há macho (homem) e fêmea (mulher). In: Estudos bíblicos: Ternura, Cuidado, Resistência. p.92.

⁴⁶ MESTERS, C., *Paulo apóstolo – Um trabalhador que anuncia o evangelho*. p. 96-109.

⁴⁷ Mas já existiam algumas idéias que apregoavam algum nível de paridade. Ver: OEPKE, A., “Gyné”, em Grande lessico del Nuovo Testamento. Vol.2, p. 691-706.

⁴⁸ FERREIRA, J. A., *Não há macho (homem) e fêmea(mulher)*. In “*Estudos bíblicos: Ternura, Cuidado, Resistência*”, p.91.

⁴⁹ Mesmo no contexto helenístico as mulheres não gozavam de privilégios. Apenas algumas mulheres da aristocracia, aquelas que freqüentavam a corte, tinham alguma autonomia. No mundo romano as mulheres muito ricas tinham alguma possibilidade de emancipação, assim como as cortesãs tinham certa liberdade.

Outra assimetria relevante se tratava dos antagonismos entre o senhor e seu escravo, pois a relação social estabelecida fornecia aos mais ricos privilégios oriundos da exploração dos seus semelhantes. Paulo, ao dizer que não existia em Cristo nem escravo nem senhor, estava de forma objetiva mexendo em interesses diversos, interesses financeiros que estruturavam os ricos e poderosos.

A questão de gênero é algo que merece também relevante destaque, pois a mulher no primeiro século era considerada de fato inferior ao homem na cultura judaica e em algumas culturas ocidentais. Uma das formas de deixar a mulher mais escondida e evitar os olhares alheios era dispensá-la de ir às sinagogas e às mesquitas. Afirmavam que era suficiente e necessário apenas que estas pronunciassem as bênçãos sobre as refeições ⁵⁰. Não obstante todos os preconceitos que a mulher sofria, a infidelidade da mulher era tratada de forma mais severa do que com os homens.

O ambiente entre judeus e gregos também não eram dos melhores e o enfrentamento era algo que acontecia recorrentemente nas comunidades judaico-helenísticas. Os conflitos entre escravo e livre e a tentativa de superação se localiza no ambiente escravagista romano. Apesar da pouca ou nenhuma aplicabilidade, já havia ideias de igualdade e unificação por várias partes (algumas escolas filosóficas defendiam a unificação e igualdade) e não apenas entre os cristãos, visto que a ideia de igualdade racial, igualdade de sexo já se verificava de forma florescente na cultura greco-romana ⁵¹.

Sabe-se que, apesar da missiva, mais tarde houve uma reação eclesiástica contra as igrejas domésticas ⁵² e contra o entusiasmo de Gl. 3,28. Possivelmente discípulos paulinos, possivelmente homens, reagiram criando o “código das igrejas domésticas de Colossenses” (Cl. 3,18-4,1: o primeiro código do Novo Testamento) e o “código doméstico de Efésios” (Ef. 5,21-6,9), que vieram a se desenvolver no ensino cristão para se contraporem aos projetos entusiásticos de valorização do feminino presente em Gl. 3,28. É possível que os códigos domésticos tivessem por alvo as mulheres e os escravos, pois a sua emancipação

⁵⁰ MAZZAROLO, I., *Paulo de Tarso: Tópicos de antropologia bíblica.*, p. 88.

⁵¹ BYRNE, B. *Paulo...*, p.29-30.

⁵² Muitas dirigidas e com forte presença feminina.

ao mesmo nível eclesial ameaçava a estabilidade das igrejas paulinas ⁵³.

É necessário admitir que a implicação da implantação de uma nova proposta tão radical e revolucionária provocaria questões diversas. De alguma forma, ainda que periféricamente, o poder do masculino perdia força frente ao feminino; O patrão agora teria que ver o seu escravo como um igual, no mínimo eclesialmente ⁵⁴; O judeu ao se converter tinha que deixar a ideia de exclusividade. O apelo ao fim das regalias enumeradas era uma ideal à luz da perícopes fomentadora da unidade e batismo único em Cristo ⁵⁵.

É difícil imaginar que a perícopes tenha logrado êxito significativo e de peso, no entanto, se considerarmos a reação que originou a criação dos códigos das igrejas domésticas, poderemos considerar grandes mudanças a partir do modelo conflitual, insuflando algum movimento rumo à superação das assimetrias que de alguma forma podem ser referenciadas e apoiadas por Gálatas 3,26-28.

A reação com o código das igrejas domésticas pode ser vista por alguns como o fracasso do ideal de alteridade e unidade, no entanto, propomos que seja vista como a comprovação da crescente aceitação da mesma, principalmente pelas categorias menos favorecidas, tanto assim é que precisou ser combatida.

Outro problema prático que a missiva revolucionária automaticamente tocou e possivelmente se chocou, foi na relação histórica entre judeus e gregos, judaísmo e cristianismo primitivo. A relação entre os judeus e gregos não era algo novo e vivia estremecida pela cisão. Já a relação entre judaísmo e cristianismo nascente vivenciava uma tensão começada desde o nascedouro com a mensagem propagada por Jesus Cristo.

Diante de todas as perspectivas e tensões citadas, se junta o fato de que a potência imperial que reinava era Roma, qualquer movimento, fosse ele religioso, político e social era visto de perto pelos governantes da época e, apesar da comunidade trabalhada está localizada na Galácia, ela naturalmente sentia e em

⁵³ O teólogo Joel Antonio vê aí uma reação, claro que essa posição pode ser questionada e posta em dúvida. Paulo teria de comportado passivamente frente a esta reação? Teria apoiado então? No entanto é plausível a possibilidade de uma reação por se tratar de uma mudança estrutural tão drástica para os padrões da época. Para consulta do aparato argumentativo, ver: FERREIRA, Joel Antonio. Não há macho (homem) e fêmea(mulher). In; Estudos bíblicos: Ternura, Cuidado, Resistência. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002, p.101.

⁵⁴ O que naturalmente já representava muita coisa, visto que a salvação era e ainda é tema caro e importante para as pessoas.

⁵⁵ FERREIRA, J. A., *Não há macho (homem) e fêmea (mulher)*. In “*Estudos bíblicos: Ternura, Cuidado, Resistência*”, p.101.

parte refletia a força da religião judaica, os conflitos com o helenismo, o cristianismo nascente, o poder coercitivo de Roma, as assimetrias sociais e as demandas e consequências históricas do momento em que estava inserida.

As implicações da implantação duma proposta tão desafiadora certamente foram complexas, mas a perícopes contém em si marcas indeléveis que permitem considerá-la com bastante vigor, impulsionando homens e mulheres rumo ao distante, mas necessário, entendimento e reconhecimento do outro como superior a si mesmo.

A unidade em Cristo aponta para o fato de que todos têm os mesmos direitos e deveres. A unicidade aponta não apenas para a ligação com o mestre, mas implica também na compreensão de igualdade daqueles que se unem. Não devem existir, portanto, assimetrias nessa relação com o sagrado ou com o humano que compartilha desse ato místico. Ninguém pode se julgar melhor que a outra pessoa, seja ela de que raça ou religião for, seja senhor ou escravo, circuncidada ou não, homem ou mulher, pois Cristo os une, os iguala, os torna *um*.

Paulo, na busca da unidade em Cristo, jogou tudo, não importando o que isso lhe viesse custar ⁵⁶. O apóstolo expressa um fatídico e escandaloso acontecimento transcorrido em Antioquia que envolvera ele mesmo e Pedro. Na ocasião Pedro fora duramente repreendido por agir de forma dúbia no trato com os gentios conforme descrito em Gálatas 2.11-14:

“Quando, porém, Pedro veio à Antioquia, resisti-lhe face a face, porque se tornara repreensível. Com efeito, antes de chegarem alguns da parte de Tiago, comia com os gentios; quando, porém, chegaram, afastou-se e, por fim, veio a apartar-se, temendo os da circuncisão. E também os demais judeus dissimularam com ele, a ponto de o próprio Barnabé ter-se deixado levar pela dissimulação deles. Quando, porém, vi que não procediam corretamente segundo a verdade do evangelho, disse a Cefas, na presença de todos: se, sendo tu judeu, vives como gentio e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus?” ⁵⁷.

A única maneira de vivenciar a unidade em Cristo é a autenticidade. Ao mencionar o conflito com Pedro, o teólogo Joel Antonio Ferreira argumenta que

⁵⁶ FERREIRA, J. A., Tese: *A abertura de fronteiras rumo à igualdade e liberdade: A perícopes da unidade em Cristo (Gl. 3,26-28)*, p.177.

⁵⁷ Versão da Bíblia Revista e Corrigida de João Ferreira de Almeida.

se está de forma pragmática advertindo aos gálatas para que não ajam da mesma forma, para que não façam distinções e para que tratem a todos de igual maneira. Ao ouvirem sobre os conflitos que envolvem os líderes, eles, os gálatas, poderiam reavaliar a escuta dos líderes e seguir rumo à unidade em Cristo.